



FRIEDRICH SCHILLER: Lê-lo em tempo de crise

Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa série de Cartas

27ª Carta

- 1 **(1)** Nada receeis pela realidade e verdade se o alto conceito que enunciei na
Carta anterior sobre a aparência estética se tornar universal. Não se tornará
universal enquanto o ser humano for ainda suficientemente inculto para
poder abusar dele; e se se tornasse universal, tal facto só poderia ser
5 ocasionado por uma cultura que impossibilitasse em simultâneo qualquer
abuso. Aspirar a uma aparência autónoma exige mais capacidade de
abstracção, mais liberdade de coração e mais energia volitiva do que o ser
humano necessita para se limitar à realidade; e ele tem já de ter deixado esta
para trás se quiser chegar àquela. Que péssimo conselho seguiria ele, pois, se
10 quisesse enveredar pelo caminho para o ideal a fim de poupar a si próprio o
caminho para a realidade! Por parte da aparência, tal como aqui é entendida,
não deveríamos preocupar-nos muito no que diz respeito à realidade; muito
mais haveria a recear, porém, por parte da realidade no que diz respeito à
aparência. Acorrentado ao elemento material, o ser humano faz durante
15 muito tempo com que a aparência sirva apenas os seus objectivos, antes que
lhe reconheça uma personalidade própria no plano da arte do ideal. Para
atingir este último plano, é necessária uma revolução total na sua inteira
forma de sentir, revolução sem a qual ele nem se encontraria sequer *a*
caminho do ideal. Onde portanto descobrimos traços de uma apreciação livre
20 e desinteressada da pura aparência, aí podemos concluir a ocorrência de tal
revolução na sua natureza e o início propriamente dito da humanidade nele.
Traços desse género já se encontram porém nas primeiras tentativas rudes
que ele faz para *embeleazar* a sua existência, mesmo correndo o risco de piorá-
la na sua substância sensível. Logo que ele principia apenas a preferir a forma
25 à matéria e a ousar atribuir realidade à aparência (que ele deve porém
reconhecer como tal), romper-se-á o seu ciclo animal e ele encontrar-se numa
via que não tem fim.

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

(2) Não contente apenas com o que basta à natureza e é exigido pela necessidade, ele reclama o supérfluo; de início, é certo, apenas algo de supérfluo *de matéria*, a fim de ocultar à avidez os seus limites, a fim de assegurar a fruição para além da carência do presente; em breve, porém, reclamará algo de supérfluo *face à matéria*, um suplemento estético para satisfazer também o impulso formal, para alargar a fruição para além de qualquer carência. Ao juntar provisões apenas para um uso futuro e ao fruí-las antecipadamente na sua imaginação, ele ultrapassa, é certo, o momento presente, mas sem ultrapassar em princípio o tempo; ele frui *mais*, porém não frui *distintamente*. Mas ao incluir a configuração no seu prazer e ao prestar atenção às formas dos objectos que satisfazem os seus apetites, ele terá elevado a sua fruição não apenas em dimensão e grau, mas também a terá enobrecido na sua especificidade.

(3) É certo que a natureza já terá dado, mesmo ao ente irracional, algo mais do que o estritamente necessário, e lançado para obscuro recinto da vida animal uma centelha de liberdade. Quando o leão não é acossado pela fome nem desafiado para a luta por um animal selvagem, a força ociosa cria para si própria um objecto; com valentes rugidos, ele enche o deserto que ecoa e a exuberante energia compraz-se num dispêndio sem objectivos. Com alegre vivacidade, o insecto volteia no raio de sol; e também não é certamente o grito de avidez que ouvimos no compasso melodioso da ave canora. Existe inegavelmente liberdade nestes movimentos, mas não liberdade face à carência em geral, apenas face a uma determinada carência externa. O animal *trabalha* quando uma falta constitui o estímulo da sua actividade, e *joga* quando a riqueza de energia constitui esse estímulo, quando a vida supérflua se impele a si mesma a agir. Até na natureza inanimada se mostra essa energia luxuriante e essa lassidão da determinação a que se poderia chamar jogo nesse sentido material. A árvore cria inúmeros germes que perecem sem se haverem desenvolvido e expande bastante mais raízes, ramos e folhas, em busca de alimento, do que os que são usados para conservar o seu indivíduo e a sua espécie. Com o que ela, na sua pródiga abundância, devolve ao reino elementar sem ter sido usado nem fruído, pode o que é vivo regalar-se em alegre movimento. Assim, já a natureza nos oferece no seu reino material um prelúdio do infinito, suprimindo já aqui *em parte* as cadeias de que se liberta

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA

27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

inteiramente no reino da forma. Partindo da coacção da carência ou da *seriedade física*, ela passa pela coacção do supérfluo, ou *jogo físico*, para o jogo estético e, antes de ascender na alta liberdade do belo acima das cadeias

65 impostas por qualquer objectivo, ela já se aproxima dessa independência, pelo menos de longe, no movimento livre que fim e meio de si próprio.

(4) Assim como os instrumentos do corpo, também a faculdade de imaginação tem no ser humano o seu livre movimento e o seu jogo material em que ela, sem qualquer relação com a forma, se compraz apenas com o seu próprio

70 poder e com a ausência de amarras. Na medida em que nenhuma forma intervenha ainda nesses jogos de fantasia e que uma sequência espontânea de imagens perfaça todo o encanto dos mesmos, eles pertencem, embora só possam ser atribuídos ao ser humano, apenas à sua vida animal e apenas comprovam a sua libertação face a qualquer coacção sensível exterior, sem

75 deixa que se conclua ainda que nele existe uma força formadora autónoma.¹ Desse jogo da *livre sucessão de ideias*, que é ainda inteiramente de natureza material e se explica a partir de meras leis da natureza, a faculdade de imaginação dá finalmente, ao procurar *uma forma livre*, o salto para o jogo estético. Temos de chamar-lhe salto, uma vez que entra aqui em acção uma

80 força inteiramente nova; porque aqui intervém pela primeira vez o espírito legislador nas acções de um instinto cego, submetendo o método arbitrário da faculdade de imaginação à sua unidade imutável e eterna, introduzindo a sua autonomia no que é transitório e a sua infinitude no domínio sensível. Mas enquanto a natureza rude for ainda demasiado poderosa, não

85 conhecendo outra lei senão uma corrida incansável de mutação em mutação,

¹ A maior parte dos jogos praticados na vida comum ora assentam inteiramente nesse sentimento de livre associação de ideias, ora vão buscar ao mesmo a sua maior atractividade. Por menos que ele constitua por si mesmo a prova de uma natureza superior, e por maior que seja o deleite com que precisamente as almas mais indolentes costumam entregar-se a essa livre corrente de imagens, porém é justamente essa independência da fantasia face a impressões exteriores que constitui, pelo menos, a condição negativa da sua capacidade criadora. Só na medida em que se arrebatada da realidade é que a força formadora se eleva ao plano do ideal e, antes que a imaginação possa actuar na sua qualidade produtiva e segundo leis próprias, já ela deve ter-se libertado, no seu método reprodutivo, de leis alheias. É certo que da mera ausência de leis até chegar a uma legislação interna autónoma há ainda um grande passo a dar; e uma força inteiramente nova, a faculdade de produzir ideias, tem de entrar aqui em jogo – mas essa força também pode desenvolver-se agora com maior facilidade, uma vez que os sentidos não se lhe opõem e que o que é indeterminado confina pelo menos com o infinito.

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

ela opor-se-á, na sua inconstante arbitrariedade, a essa necessidade, com a sua inquietação a essa instabilidade, com a sua deficiência a essa autonomia, com a sua insaciabilidade a essa sublime simplicidade. O impulso lúdico estético será assim difícil de reconhecer nas suas primeiras tentativas, uma vez que o impulso sensível, com o seu humor caprichoso e a sua avidez selvagem, se intromete sem cessar. Por isso vemos o gosto rude apoderar-se em primeiro lugar do que é novo e surpreendente, colorido, aventureiro e bizarro, violento e selvagem, fugindo sobretudo à simplicidade e à serenidade. Constrói figuras grotescas, ama transições bruscas, formas exuberantes, contrastes estridentes, luzes gritantes, um canto patético. Belo significa para ele, nessa época, apenas aquilo que o excita, que lhe dá material – mas que o excita para uma resistência automática, e que lhe dá material *para uma configuração possível*, pois de outro modo nem para ele seria belo. Juntamente com a forma dos seus juízos terá assim ocorrido uma curiosa transformação; ele não busca tais objectos por eles lhe proporcionarem algo que tenha de suportar passivamente, mas por lhe darem uma oportunidade de actuar; eles agradam-lhe não por irem ao encontro de uma carência mas por satisfazerem uma lei que, embora ainda em voz baixa, fala no seu seio.

(5) Em breve ele já não se contentará com o facto de as coisas lhe agradarem; ele próprio quer agradar, de início apenas através do que é *seu*, finalmente através do que *ele* é. O que ele possui, o que ele produz, não poderá trazer já em si os traços da servidão, a forma receosa do seu objectivo; para além do serviço para o qual existe, isso terá de reflectir em simultâneo o entendimento inteligente que o pensou, a mão amorosa que o executou, o espírito ameno e livre que o escolheu e estabeleceu. É então que o antigo homem germânico vai em busca de peles de animal mais lustrosas, de chifres mais imponentes, de cornos de bebida mais elegantes e o homem da Caledónia escolhe as conchas mais graciosas para as suas festas. Mesmo as armas não podem já ser meros objectos de terror mas também de agrado, e o artístico cinturão pretende tornar-se tão notado como a lâmina mortal da espada. Não contente por trazer um excesso estético ao que é necessário, o impulso lúdico, agora mais livre, arrebatase por fim inteiramente às amarras da carência e o belo torna-se por si só em objecto da sua aspiração. Ele

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

adorna-se. O livre prazer é admitido à soma das suas carências e o que é
120 desnecessário tornar-se-á em breve na melhor parte das suas alegrias.

(6) Do mesmo modo que se aproxima dele a pouco e pouco a partir do
exterior, na sua casa, nos seus utensílios domésticos, no seu vestuário, a
forma principia por fim a apoderar-se dele próprio e a transformar o ser
humano, de início apenas no plano exterior, por fim também no plano interior.
125 O salto desregrado de alegria torna-se em dança, o gesto disforme em
graciosa e harmoniosa linguagem gestual; os sons indistintos da sensação
articulam-se e principiam a obedecer ao compasso e a moldar-se ao canto. Se
o exército troiano irrompe no campo de batalha com uma estridente gritaria,
igual a um bando de groux, o exército grego aproxima-se do mesmo em
130 silêncio e num passo nobre. Ali vemos apenas a petulância de forças cegas,
aqui a vitória da forma e a simples majestade da lei.

(7) Uma necessidade mais bela encadeia agora os sexos e a participação dos
corações ajuda a conservar a união que o desejo liga apenas de modo
caprichoso e inconstante. Liberto das suas sombrias amarras, o olhar, agora
135 mais tranquilo, apodera-se da forma, a alma olha para dentro da alma e uma
troca egoísta de prazer torna-se numa permuta generosa de inclinações. O
apetite sexual amplia-se e eleva-se ao nível do amor assim como a
humanidade se revela no seu objecto e a vulgar vantagem sobre os sentidos
se vê desdenhada a fim de disputar uma vitória mais nobre sobre a vontade.
140 A necessidade de agradar submete o poderoso ao delicado tribunal do gosto;
o prazer pode ele roubar, mas o amor tem de ser uma dádiva. Por esse
elevado prémio ele só pode pugnar através da forma, não através da matéria.
Tem de deixar de tanger o sentimento como força e defrontar o entendimento
como fenómeno; tem de conceder liberdade se quiser agradar à liberdade.
145 Assim como resolve o conflito das naturezas no seu exemplo mais simples e
puro, na eterna oposição dos sexos, a beleza resolve-o – ou tende pelo menos
a resolvê-lo também na complexa totalidade da sociedade e a conciliar,
segundo o modelo da união livre que ali estabelece entre a força masculina e
a gentileza feminina, tudo o que é suave e violento no mundo moral. É então
150 que a fraqueza se torna sagrada e a força não refreada se vê desonrada; a
injustiça da natureza vê-se corrigida pela magnanimidade de costumes
cavalheirescos. Esse que não se deixa atemorizar por violência alguma vê-se

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

desarmado pelo rubor gentil do pudor e as lágrimas sufocam uma vingança que sangue algum terá podido apagar. Mesmo o ódio atende à delicada voz da honra, a espada do vencedor poupa o inimigo desarmado e um foco hospitaleiro envia sinais de fumo ao estrangeiro, nessa temível costa onde antes só o assassínio o recebera.

(8) No cerne do temível reino das forças e no cerne do sagrado reino das leis, o impulso estético de formação constrói sem ser notado um terceiro reino jovial, do jogo e da aparência, no qual ele retira ao ser humano as amarras de todas as circunstâncias e o liberta de tudo o que significa coacção, tanto no plano físico como no plano moral.

(9) Se no Estado *dinâmico* dos direitos o homem se defronta com o homem enquanto força e limita o seu raio de acção – se no Estado *ético* dos deveres o homem se confronta com o homem através da majestade da lei, no Estado *estético* ele só pode colocar-se perante aquele enquanto figura, enquanto objecto do livre jogo. *Conceder liberdade através da liberdade* é a lei fundamental deste reino.

(10) O Estado dinâmico apenas pode tornar possível a sociedade domesticando a natureza por meio da natureza; o Estado ético apenas pode torná-la (moralmente) necessária submetendo a vontade individual à vontade geral; só o Estado estético pode torná-la real, uma vez que cumpre a vontade do todo por meio da natureza do indivíduo. Se já a carência impele o ser humano para a sociedade e a razão implanta nele princípios de sociabilidade, só a beleza pode porém conferir-lhe um *carácter sociável*. Só o gosto traz harmonia à sociedade porque estabelece harmonia no indivíduo. Todas as outras formas de representação dividem o ser humano porque se baseiam exclusivamente na parte física ou na parte espiritual do seu ser; só a representação bela faz dele um todo porque ambas as suas naturezas têm de sintonizar-se para tal. Todas as outras formas de comunicação dividem a sociedade, uma vez que se relacionam exclusivamente ou com a receptividade privada ou com a aptidão privada dos seus membros isolados, portanto com o que distingue um ser humano do outro; só a comunicação bela une a sociedade porque se relaciona com o que é comum a todos. Gozamos os prazeres dos sentidos apenas como indivíduos, sem que a espécie que em nós habita neles participe; não podemos portanto alargar os nossos prazeres

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

sensíveis a um plano universal, uma vez que não podemos tornar universal o nosso indivíduo. Gozamos os prazeres do conhecimento apenas como espécie e na medida em que afastamos cuidadosamente do nosso juízo qualquer traço individual; logo, não podemos tornar universais os nossos prazeres racionais, uma vez que não podemos excluir os traços individuais do juízo alheio como os excluímos dos nossos. Só o belo é por nós fruído enquanto indivíduo e enquanto espécie em simultâneo, i. e., enquanto *representantes* da espécie. O bem sensível só pode fazer feliz *um indivíduo*, uma vez que se baseia numa inclinação afectiva que comporta sempre uma exclusão; ele apenas pode fazer feliz esse *único indivíduo* também de modo unilateral, visto que a personalidade não participa. O bem absoluto só pode fazer pessoas felizes em condições que não podem ser universalmente pressupostas; pois a verdade é apenas o prémio da abnegação e só um coração puro crê na vontade pura. Só a beleza traz felicidade a todo o mundo e cada ser esquece os seus limites enquanto experiencia o seu feitiço.

(11) Nenhum privilégio, nenhuma autocracia serão tolerados onde governar o bom gosto e se expandir o reino da aparência bela. Esse reino estende-se no sentido ascendente até ao ponto em que a razão domina com incondicional necessidade e toda a matéria acaba; ele estende-se no sentido descendente até ao ponto em que o impulso natural domina por meio de coacção cega e a forma ainda não tem início; nem mesmo nesse limite extremo, em que o poder legislativo lhe é retirado, o gosto deixa que lhe arrebatem o poder executivo. O desejo insociável tem de renunciar ao seu egoísmo enquanto o que é agradável, e normalmente apenas atrai os sentidos, tem de lançar também sobre os espíritos a rede da graciosidade. A voz severa da necessidade, o dever, tem de alterar a sua fórmula censória, que apenas a resistência justifica, e de prestar homenagem à dócil natureza através de uma confiança mais nobre. O gosto guia o conhecimento para fora dos mistérios da ciência em direcção ao céu aberto do senso comum, transformando a propriedade das academias num bem comum a toda a sociedade humana. No seu domínio, mesmo o génio mais poderoso tem de renunciar à sua majestade e de descer, confiante, ao nível da mente de uma criança. A força tem de ser aprisionada pelas Graças e o leão renitente tem de obedecer à rédea de um Cupido. Em troca, este estende sobre a carência física, que ofende com a sua figura

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
27.06.2019 – COM TERESA R. CADETE

- desnudada a dignidade dos espíritos livres, o seu véu suavizante, ocultando-nos o degradante parentesco com a matéria através de uma amorável obra feérica de liberdade. Inspirada por ele, a própria arte servil e mercenária eleva-se acima do pó e caem as amarras da servidão, tocadas pela sua
- 225 varinha, tanto nos seres inanimados como nos seres vivos. No Estado estético tudo é – mesmo o instrumento útil – um livre cidadão com direitos iguais aos dos seres mais nobres; e o entendimento, que verga com violência a massa passiva aos seus objectivos, tem de indagar aqui o seu consentimento. Aqui portanto, no reino da aparência estética, cumpre-se o ideal de igualdade que
- 230 o entusiasta tanto gostaria de ver realizado na sua essência; e se é verdade que o belo tom amadurece de modo mais prematuro e perfeito na proximidade do trono, também aqui teria de ser reconhecida a benevolente providência que aparenta limitar o seu humano na realidade, unicamente com o fim de impeli-lo para um mundo ideal.
- 235 **(12)** Mas existirá também um tal Estado da bela aparência e onde poderá ser encontrado? De acordo com a necessidade, ele existe em cada alma finamente sintonizada; de acordo com a realidade, estaríamos inclinados a encontrá-lo, como a Igreja pura e a República pura, em alguns escassos círculos selectos, onde o comportamento é guiado não pela imitação insípida de costumes
- 240 alheios mas pela beleza de uma natureza própria, onde o ser humano caminha através das situações mais complexas com audaz simplicidade e serena inocência, não necessitando nem de ofender a liberdade alheia para impor a sua nem de rejeitar a sua dignidade para manifestar graciosidade.

Tradução de Teresa R. Cadete.